

Pele, memória e ciência: a fascinante história da taxidermia

Por Laura A. Ortega Corredor



O taxidermista Tim Bovard trabalha com um leão dentro de seu laboratório no Museu de História Natural de Los Angeles / Imagem: James Bartlett - SFGATE

Nos museus de história natural, é comum encontrar um leão que parece prestes a rugir ou uma ave suspensa em pleno voo. É difícil acreditar que esses animais, embora já não estejam vivos, conservem uma aparência tão real. Como isso é possível? A resposta está em uma arte tão antiga quanto surpreendente: a taxidermia.

Taxidermia: ciência, arte e alma ao longo do tempo

A palavra vem do grego *táxis* (arranjo) e *derma* (pele). Segundo a Real Academia Espanhola, a taxidermia é **“a arte de dissecar animais para conservá-los com aparência de vivos”⁵**. No entanto, para além da definição, trata-se de uma prática que combina biologia, arte e memória, permitindo preservar a forma, a cor e a expressão dos animais mesmo após a sua morte.

Graças à taxidermia, os museus de história natural podem mostrar a diversidade da fauna do planeta e contar histórias sobre como os seres humanos convivem e também impactam outras espécies. Nesses espaços, o público não apenas observa animais "congelados no tempo", mas também compreende como o mundo mudou e por que é importante aprender com essas mudanças para minimizar os danos ambientais.

Uma montagem bem feita pode despertar curiosidade, empatia e consciência sobre a conservação da natureza. Ver de perto um felino, uma ave ou um peixe em tamanho real nos lembra que a biodiversidade é frágil e que sua proteção depende de todos.



No vídeo “A vida após a morte: animais extintos imortalizados pela taxidermia” Michael Novacek, do Museu Americano de História Natural, explica como a taxidermia funciona como um registro e um memorial de espécies extintas e ameaçadas. / Vídeo: *National Geographic*

<https://www.youtube.com/watch?v=eQZARfzRRso>

Embora, em suas origens, a taxidermia tenha estado ligada à caça e ao colecionismo, hoje ela é regida por normas éticas e de conservação. A Convenção CITES (Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas da Fauna e da Flora Silvestres) regula a taxidermia de espécies protegidas para evitar o tráfico ilícito, e os museus de história natural contam com comitês de ética que regulam a aquisição, o uso e a exibição dos exemplares.

Atualmente, a maioria das peças exibidas nos museus provém de animais que morreram de forma natural em zoológicos ou em programas de conservação, e sua preparação segue protocolos de rastreabilidade, biossegurança e respeito. Os museus modernos também assumem um papel educativo: não se trata de exibir troféus,

mas de ensinar sobre a história natural, a evolução e a responsabilidade ambiental.

Em teoria, quase qualquer animal pode ser objeto de taxidermia, desde insetos e peixes até grandes mamíferos. No entanto, as técnicas e os materiais variam de acordo com o tipo de pele, o tamanho e a estrutura corporal. Em mamíferos e aves, trabalha-se com a pele, os olhos e uma estrutura interna que recria a musculatura. Em répteis, anfíbios e peixes, as técnicas são mais especializadas; em muitos casos, utilizam-se moldes, réplicas ou processos de liofilização (secagem a vácuo) para conservar a forma. No caso dos insetos, eles são montados em alfinetes entomológicos e preservados em condições controladas para evitar a degradação. O mais importante é que nem todas as espécies podem ou devem ser preparadas, especialmente aquelas protegidas por leis de conservação ou quando não há justificativa educativa ou científica para seu uso.



Predadores em ação. Uma serpente em pleno ataque e um peixe que capturou sua presa. Dois momentos críticos de sobrevivência. / Imagem: Zimmerman Taxidermy



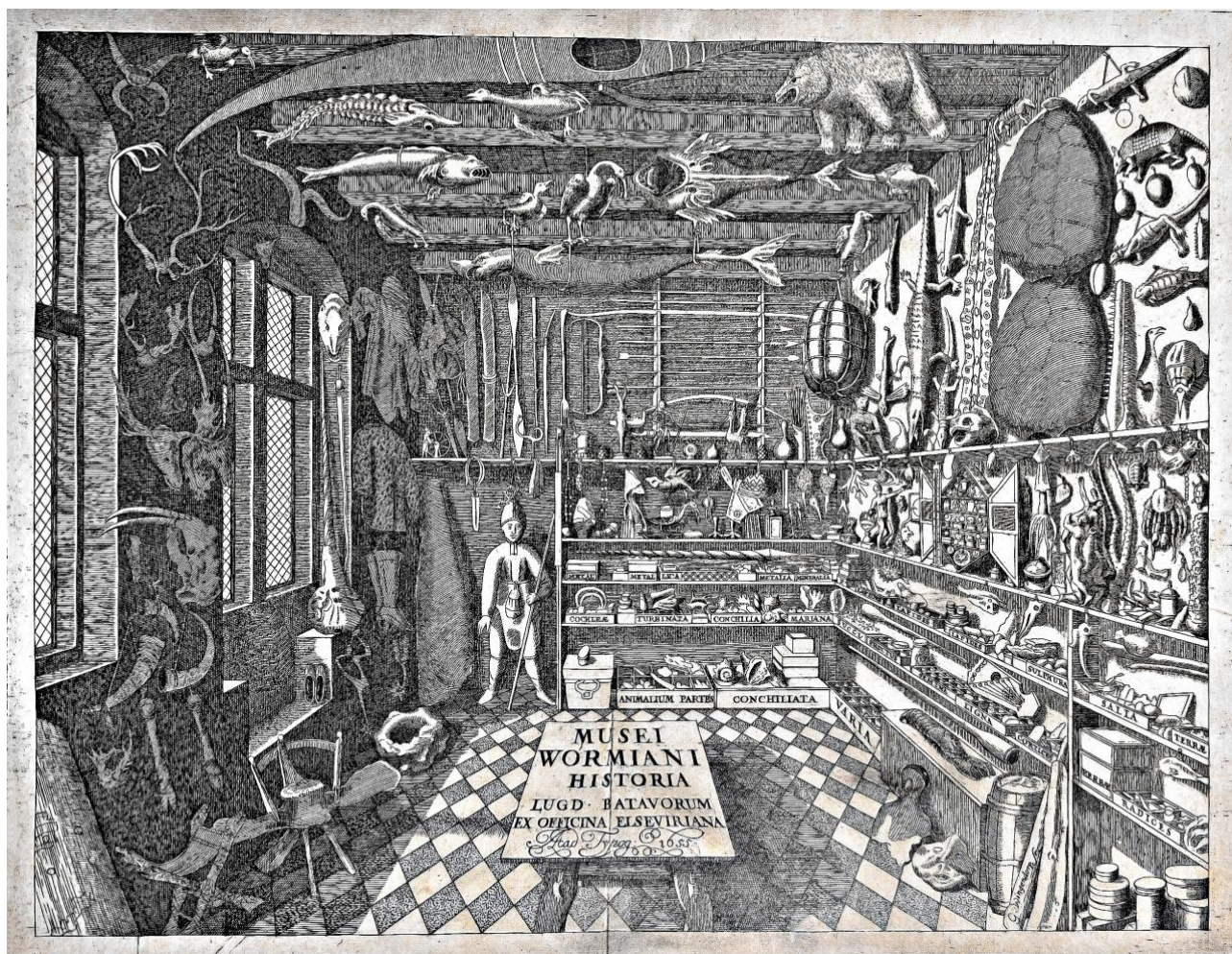
Dioramas de insetos. Besouros necrófagos decompondo uma ave morta. Coleção do Museum für Naturkunde Berlin. / Imagem: Museu de História Natural de Berlim

De momias a museos

A história da taxidermia remonta a tempos antigos. No Egito, por exemplo, já se praticavam técnicas de preservação com fins rituais, como mostram as múmias de gatos do Museu Britânico.



Múmias de gatos do Antigo Egito no Museu Britânico (Londres). Esses felinos, mumificados como oferendas votivas, ilustram a importância religiosa dos animais na cultura egípcia / Imagem: Mario Sánchez - British Museum, Egypt mummies of animals



Gabinete de curiosidades de Ole Worm (1655). Este frontispício histórico mostra a coleção onde fósseis, corais, instrumentos e animais exóticos eram reunidos como um microcosmo do mundo. / Imagem: Didier Descouens

Durante o Renascimento, os gabinetes de curiosidades (antecessores dos museus modernos) reuniam animais exóticos, fósseis e plantas como símbolos do conhecimento e da exploração. No século XIX, com a expansão dos museus de história natural, a taxidermia atingiu seu auge. Os naturalistas começaram a abandonar as simples peles recheadas com palha e passaram a buscar montagens anatomicamente precisas, com posturas naturais e expressivas⁴. Foi nesse contexto que surgiram os dioramas, cenas que mostram os animais em seu habitat, não como troféus, mas como protagonistas de histórias ecológicas.

O Museu Field de Chicago, por exemplo, transformou seus dioramas em uma forma de reflexão sobre o impacto humano. Em vez de idealizar uma “natureza intocada”, suas exposições convidam o público a pensar sobre os danos causados pela caça, pelo comércio de espécies e pela perda de habitats. Assim, o museu se torna um espaço para compreender o passado e repensar nosso papel no presente.



Diorama de hienas-listradas, montadas originalmente em 1899 pelo pioneiro da taxidermia Carl C. Akeley. Esta peça histórica encontra-se no Field Museum de Chicago / Imagem: John Weinstein - The Field Museum

Em seus primórdios, os animais eram recheados com palha ou gesso. Hoje, o processo é muito mais sofisticado. Primeiro, a pele é preparada — limpa, desengordurada e curtida para sua conservação. Em seguida, cria-se um manequim anatômico, que pode ser esculpido à mão ou modelado com impressoras 3D para reproduzir a

musculatura com precisão. A pele hidratada é então colocada sobre o molde, as costuras são ajustadas e acrescentam-se olhos de vidro pintados à mão, que devolvem a expressão característica. Por fim, as cores são retocadas com aerógrafo e pincel até se alcançar a ilusão de vida.



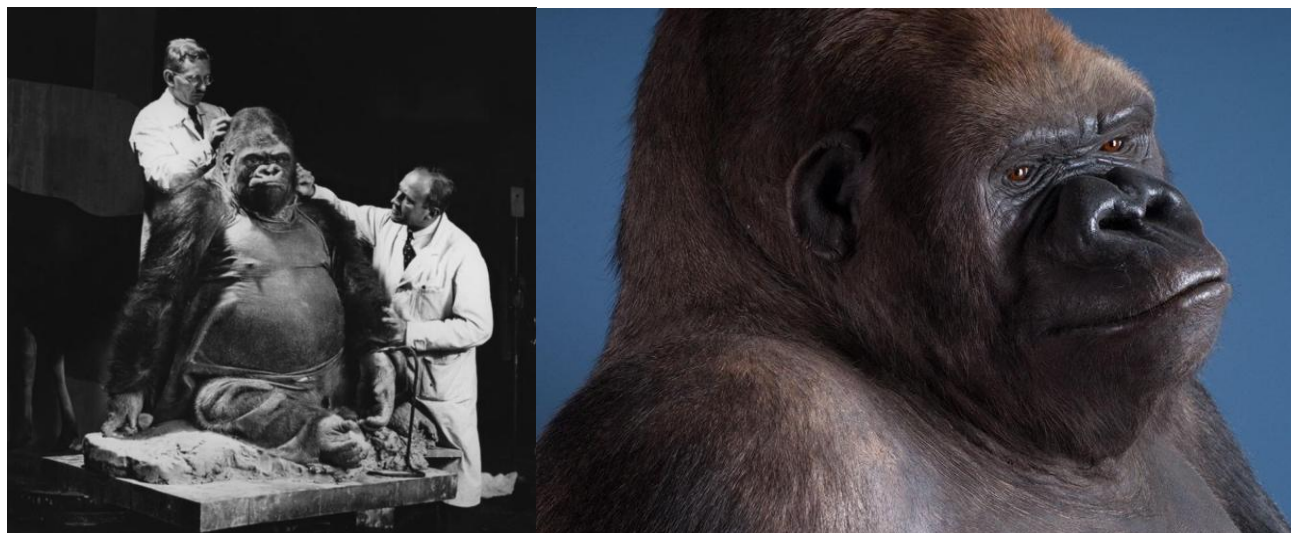
Essas duas jaguatiricas (*Leopardus pardalis*) são uma viagem no tempo. A primeira (1818), rígida e rudimentar, reflete as limitações de trabalhar sem referências anatômicas. A segunda (1934), obra de Gerhard Schröder, é dinâmica e realista, resultado do estudo de exemplares vivos e da disponibilidade do corpo completo. Uma lição de como o avanço científico aperfeiçoou a arte da taxidermia / Imagem: Museu de Museum für Naturkunde Berlin



Sequência anatômica da montagem taxidérmica de um felino. A imagem detalha o processo sistemático: a partir de um manequim base, procede-se à montagem da dentição, seguida da implantação dos olhos e da modelagem da musculatura facial com um material plástico. A fase crítica é o ajuste da pele sobre essa estrutura subjacente. O último passo revela o produto final: uma cabeça com aparência vital que demonstra a precisão anatômica da taxidermia contemporânea / Imagem: Amy's Animal Art Taxidermy

Alguns museus, como o Museu de História Natural de Berlim, mostram ao público o passo a passo desse processo e como ele evoluiu ao longo do tempo. Uma de suas peças mais emblemáticas é “Bobby, o gorila”, que chegou ao zoológico de Berlim em 1928, aos dois anos de idade, e morreu de apendicite em 1935. Nesse mesmo ano, os taxidermistas Karl Kaestner (1895–1983) e Gerhard Schröder (1896–1945) realizaram sua montagem. Até hoje, ela é considerada

uma obra-prima da taxidermia: mais de 80 anos após sua morte, Bobby continua fascinando os visitantes.



A primeira fotografia mostra o meticuloso processo de montagem: taxidermistas ajustam a pele de Bobby sobre sua escultura interna. A segunda fotografia apresenta o resultado final: Bobby preservado para a eternidade / Imagem: Museum für Naturkunde Berlin.

Por trás de cada montagem há muito mais do que técnica: há responsabilidade, história e sensibilidade. A taxidermia moderna busca preservar a memória biológica dos animais e aproximar o público de sua beleza e complexidade. Além de seu valor artístico, ela cumpre três funções essenciais:

- **Educação e divulgação:** permite observar detalhes que as fotografias não capturam, como texturas, cores ou vibrissas.
- **Pesquisa:** as coleções documentam variações morfológicas, mudanças de cor ou presença histórica de contaminantes.
- **Conservação:** ajudam a sensibilizar sobre espécies ameaçadas e evitam a coleta de novos exemplares quando já existem referências bem preservadas.



Como preservar o último de uma espécie? vídeo que documenta o meticuloso processo de taxidermia aplicado ao Solitário George, a última tartaruga-gigante da ilha de Pinta. Cientistas e taxidermistas explicam como imortalizaram esse ícone da conservação para devolvê-lo ao Equador como patrimônio nacional. How to Preserve the Last of a Species/ Video: *National Geographic*
<https://www.youtube.com/watch?v=AZKbO2B7po0>

Ser taxidermista não exige necessariamente formação científica, mas requer um profundo respeito pela vida e grande habilidade artística. O desafio não é apenas montar uma pele, mas devolver-lhe expressão, movimento e dignidade. Por isso, a taxidermia também é uma forma de contar histórias: de animais, de lugares e das relações que os seres humanos construíram com a natureza.



Momento de ataque. Captura-se o instante em que um jaguar (*Panthera onca*) se lança em um salto para caçar duas araras-vermelhas. A cena, congelada no tempo, é um testemunho do dinamismo e ferocidade dos ecossistemas, mostrando a perfeição anatômica e o nível de detalhe que essa disciplina científica e artística pode alcançar. / Imagem: Laura Andrea Ortega Corredor



Beleza em perigo. Esta fotografia exhibe um casal de araras-azuis brasileiras (*Anodorhynchus hyacinthinus*), uma das espécies mais emblemáticas e em perigo crítico de extinção do planeta. Sua imponente plumagem azul-cobalto e sua pose serena servem como um poderoso lembrete da fragilidade da biodiversidade e da urgência de conservar esses tesouros naturais antes que existam apenas nas vitrines dos museus / Imagem: Laura Andrea Ortega Corredor

Das antigas peles recheadas aos manequins em 3D, a taxidermia evoluiu como uma ponte entre arte e ciência. Longe de ser um simples troféu, hoje ela é uma ferramenta de conhecimento, memória e conservação, que nos lembra a fragilidade e a beleza da vida. Talvez por isso, quando uma boa montagem “nos olha de volta”, sentimos

algo mais do que curiosidade: sentimos que a natureza ainda está ali, esperando que aprendamos a olhá-la com respeito.

Você sabe se na sua cidade há um museu de história natural onde seja possível ver animais preservados?

Referências

1. Dorfman, E. (2016). Ethical issues and standards for natural history museums. In *Museums, Ethics and Cultural Heritage* (pp. 54-60). Routledge.
2. ICOM. (2013). Code of Ethics for Natural History Museums was adopted unanimously by the 23rd General Assembly of ICOM in Rio de Janeiro (Brazil) on 16 August 2013.
3. Poliquin, R. (2008). The matter and meaning of museum taxidermy. *Museum & Society*, 6(2), 123-134.
4. Poliquin, R. (2012). *The breathless zoo: Taxidermy and the cultures of longing*. Penn State Press.

Edição: Alfonso Pineda

Colaboração: Diego Frau, Rafaela Jardim, Ángela Gutiérrez C.,
David González T.

Ortega-Corredor, L.A. 2026. *Pele, memória e ciência: a fascinante história da taxidermia*. Revista Bioika, edição 13. Disponível em:
<https://revistabioika.org/pt/ecovozes/post?id=180>